

Micro

Um dos setores que mais tem sentido o início do processo de desaceleração da economia é o da microempresa. Segundo dados do Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Cebrae), do total de 1,227 milhão de microempresas criadas ou enquadradas após a implantação do estatuto, em janeiro de 1985, mais de 40% quebraram em consequência do Plano Cruzado II. O quadro é ainda mais grave se for levado em consideração que a maioria das empresas que fecham não dá baixa nas juntas comerciais, muitas vezes por causa de dívidas contraídas.

O principal problema que os pequenos empresários enfrentam é a suspensão das linhas de crédito destinadas ao segmento. E apesar da atual administração do Cebrae já ter conseguido alguns progressos nesse campo, ainda não é o suficiente para atender todas as necessidades do setor. Outros problemas enfrentados por essas empresas são os altos custos financeiros; os altos custos das matérias-primas básicas; e a retração do mercado.

Segundo o presidente do Centro Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, Paulo Lustosa, a grande prioridade de sua administração nos próximos três meses será a adoção de medidas que permitam a consolidação das empresas do setor já instaladas e não a preocupação com a criação de novas empresas.

Apesar das inúmeras dificuldades vividas pelos empresários dessa área, Paulo Lustosa considera que o quadro "não é tão dramático", acreditando que essa posição inviabilizaria qualquer medida de ajuste. No seu entender, uma das principais funções do governo é tratar medidas que tenham a ação preventiva de evitar que essas empresas quebrem por insolvência.